



Redacção e administração
Praça dos Restauradores, 43 a 49

Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

SUMMARIO: Igor Strawinsky — Cartas do Porto — Notas vagas — Concertos — Noticiario — Necrologia

Igor Strawinsky

De entre os jovens compositores russos, é este a quem está reservado o futuro mais brilhante. Muito novo ainda, tem uma bagagem artistica necessariamente pequena; mostrou porém desde as primeiras obras o dom da força e uma personalidade que se revela até nos mais exteriores pormenores de technica. E technico Strawinsky é-o admiravelmente; já não causaria pequena admiração vêr um artista na phase ultima do seu desenvolvimento, amoldar elementos musicaes da maxima complexidade com a segurança e firmeza de Strawinsky, quanto mais extraordinario nos parecerá se pensarmos que elle é um novo, quasi um principiante.

Na acceitação vulgar, o artista de aptidões principalmente technicas é frio e sem interesse. Não combateremos esta asserção porque a Strawinsky damos logar especial entre os technicos. É que elle, brilhando aliás em especial pelo revestimento, pela *mise-en-œuvre*, possui o condão de dar a

este lado material da arte o cunho inconfundivel do espirito creador, como que a inspiração, o idealismo da technica.

Se bem que Strawinsky tenha cultivado e com brilho as pequenas fôrmas, é essencialmente o homem das grandes combinações instrumentaes, é exímio em tirar do instrumento nobilissimo que é a orchestra efeitos raros e audaciosos ao lado dos quaes as mais rutilantes sonoridades de um Rimsky ou de um Maurice Ravel parecem um tanto pállidas.

Tem publicado até hoje: *Fauno e Pastorinha*, *Mery Ingeron*, um *Scherzo fantastico*, *Fogo d'artificio*, admiravel fantasia orchestral e como bailados: *A Ave de Fogo* e *Petruchka*; este ultimo, escripto em 1911 e representado no mesmo anno

em Paris, é a sua melhor obra. Strawinsky está n'este momento compondo um novo bailado com côros em que introduz absolutas novidades de escripta, como: a sobreposição de tonalidades diversas ou seja o processo harmonico da *appoggiatura* applicado a accordes inteiros.

L. F. B.





Cartas do Porto

Estava já a imprimir-se o numero anterior quando recebemos do nosso querido amigo e prestimoso collaborador, sr. Ernesto Maia, a primeira das cartas, a que damos seguidamente publicidade.

Estes primorosos artigos e a promessa de uma continuação regular constituem para a nossa modesta revista um incalculavel favor e um beneficio não leve. Temos acompanhado o movimento musical do Porto com todo o interesse e attenção, mas fazendo apenas obra pelas noticias dos jornaes diários e por uma que outra informação particular, devida á amabilidade de alguns bons amigos que contamos na capital do norte. Essa situação, que não podia de modo algum satisfazer-nos, pela lacuna que, sob o ponto de vista noticioso e critico, se não podia deixar de sentir na nossa revista, vem gentilmente remedial-a um dos espiritos mais esclarecidos do nosso meio musical, o professor e critico distinctissimo que é Ernesto Maia, dispondo-se a ter os nossos leitores ao corrente do que se fôr passando de mais interessante no Porto, no dominio da nossa arte.

Receba o illustre artista a expressão do nosso mais sincero agradecimento pelo inestimavel auxilio que quiz prestar-nos.

I

Os leitores d'esta revista, a todos os respeitos benemerita, não podem antevêr com o inicio da presente secção, novidades palpitantes e de absoluto interesse para o desenvolvimento da arte musical. Nem a manifesta decadencia artistica da capital do norte pode originar a constancia d'um assumpto, nem a competencia de quem traça estas linhas se abalança ao intento em demasia petulante de prometter-lhes coisas ineditas sobre a philosophia da arte ou sobre dominios ainda ignorados da esthetica. Nada d'isso. Tenho já desde muitos annos uma bastante larga collaboração na *Arte Musical* para que aquelles que habitualmente a lêem, saibam que não têm a esperar de mim, quer litteraria quer artisticamente, coisa de valia. Procurarei tão sómente relatar-lhes o que de bom, por mercê do acaso, venha arrostar com estas inhospitas paragens musicas e isso mesmo fal-o-hei concisamente, muito terra-a-terra para que o percebam aquelles dos leitores, que não tiveram ainda tempo de attingir a culminancia aonde pairam os que todos os dias pretendem dizer coisas novas, muito transcendentas, sobre as obras seculares dos maiores genios da musica. A muito poucas pessoas d'ahi pode interessar a vida artistica do Porto, a triste cidade, que só é conhecida da capital do paiz atravez da concisão telegraphica dos seus jornaes de

grande informação, e por isso mesmo me admiro mais da excepcional lealdade e desvelado interesse com que o director d'esta revista n'ella faz registrar todas as manifestações da arte musical que aqui se evidenciem desde a mais modesta sessão de discipulos até aos concertos do Orpheon com celebridades estrangeiras. Isso tem um alto valor como documento futuro, pois que entre nós o esforço despendido nas tentativas artisticas mais proficuas, esquece depressa. Que recordações deliciosas me tem despertado agora a leitura das noticias que relatam o entusiasmo que acolheu a idéa da formação do grande Orpheon de Lisboa? Como isso é bello! Foi quasi assim aqui no Porto pela inolvidavel celebração do 3.º Centenario de Camões na grande nave do Palacio de Crystal.

Houve tudo isso. Comissões de senhoras, escolha de vozes, comissões de litteratos, criticos e jornalistas, agrupamento de todos os artistas musicos de valor, dos melhores amadores, dos professores de canto, dos rapazes da boa sociedade. Miguel Angelo dirigindo a orchestra, Cyriaco de Cardoso as bandas regimentaes, Moreira de Sá os córos, o inglez Smith no grande orgão, o saudoso Marques Pinto na revisião dos papeis e o entusiasmo de quem escreve estas linhas e de outros amadores e artistas ainda vivos, nos serviços secundarios de ensaios por secções, das copias, dos avisos, etc., tudo isso garantia o exito colossal d'esse memoravel concerto. Foram 400 os executantes entre orchestra, bandas e vozes masculinas e femininas, e é este talvez o maior agrupamento realizado até hoje em Portugal. Recordo-me bem — e vae n'isto um pouco de saudade da minha mocidade perdida — dos episodios interessantes dos longos ensaios. Os homens ensaiavam em separado, é claro, e só em determinados dias havia ensaios conjunctos com as vozes femininas. Nos ensaios exclusivamente masculinos, era sempre grande o numero de cantores que faltavam; mas nos ensaios em que entravam as damas — não faltava ninguem.

Havia muita vontade de estudar, mas havia tambem n'essas occasiões maior numero de entradas fóra de tempo do que habitualmente, porque os olhos dirigiam-se menos para o papel e para o regente, do que para a deliciosa expressão de certos rostos, cuja attracção tinha de confirmar-se depois do concerto n'um apreciavel numero de casamentos felizes.

A este respeito não hesito em narrar um facto ainda recentemente succedido comigo. Uma nobre dama d'uma cidade da

provincia organisou um concerto no theatro da terra, em beneficio d'uma instituição de caridade. Recrutou um lindissimo grupo de senhoras para cantarem alguns côros e eu fui sollicitado para lh'os ensaiar. Pelos intuitos da festa accedi de bom grado, e munindo-me de alguns côros para vozes femininas, parti para a localidade onde devia fazel-os aprender. Apareceram-me todas as senhoras e um numeroso grupo de elegantes cavalheiros, que de mau humor receberam a noticia de que os côros eram só de senhoras. Não podia ser.

Uma commissão veiu abordar-me pedindo para cantar *tambem*. Disse-lhes não ser isso possivel, pois que me haviam pedido só côros para vozes femininas. A resposta a esta justificação deixou-me boquiaberto: «Que não tinha duvida. Cantariam o que ellas cantassem.» Resisti ainda, mas interveio um respeitavel cavalheiro que chamando-me de lado, me disse textualmente o seguinte: «Deixe-os cantar. Elles teem aqui os seus namoros e se não cantarem ao pé d'ellas, é completamente impossivel realizar a festa.» Tudo se compoz e a festa fez-se com brilho, mas a convicção artistica soffreu um abalo serio. Ignoro ainda o numero de casamentos que a minha transigencia decerto impulsionou.

Ora voltando ao assumpto de que me desviei, devem lembrar-se os que contam meio seculo de vida, que foi d'esse grandioso concerto em homenagem a Camões, que nasceu o entusiasmo para a creação do Orpheon Portuense. Ensaaiaram-se boas obras coraes, fizeram-se alguns concertos, mas ao cabo de poucos annos a comparencia dos orpheonistas aos ensaios era tão rara e difficil que tornava impossivel o estudo de qualquer obra seria. Eu era então secretario d'aquella sociedade e muitas noites, antes da hora do ensaio, tinha de percorrer os cafés e outros pontos de reunião, para convencer os cantores, da necessidade da sua comparencia. Eram baldados os meus esforços n'essa verdadeira *caçada* aos orpheonistas. Um espectáculo, uma *soirée*, uma visita, um anniversario, constituíam sempre pretexto de falta.

Quando os portuguezes tiverem persistencia n'uma coisa util e seria e quando encontrarem o prazer que encontram os musicos e amadores das grandes cidades estrangeiras em se reunirem para estudar as grandes obras musicaes, todas as tentativas que se fizerem serão coroadas do mais brilhante exito. Quero crer que assim succederá em Lisboa; entre nós isso não é possivel. Nada se pode fazer no Porto pela difficuldade de ensaiar. Por isto não temos

orchestras, não temos grupos permanentes de musica de camara e por isto mesmo o nosso Orpheon Portuense conserva do que foi apenas o primitivo titulo, tendo-se volvido em prestimosa sociedade de concertos com artistas estrangeiros, no que tem prestado relevantes serviços á diffusão da boa musica entre nós.

Temos aqui, de fundação recente, dois orpheons masculinos: um que se intitula *Orpheon do Porto* e outro *Orpheon Academico*. O primeiro, que é pouco numeroso, tem-se apresentado já em publico com elogio da critica. Não consegui ainda ouvil-o; quanto ao segundo, que agora acaba de realizar um passeio pela Hespanha, tem avultado numero de figurantes, com os quaes seria possivel constituir um excellente orpheon, se uma forte disciplina e assiduidade constante ajudassem os esforços de quem os dirige. Receio porém, que assim não succeda por que, ordinariamente, o entusiasmo academico esfria bastante depois das excursões. E' claro que estas tentativas foram originadas pela vinda ao Porto do Orpheon Academico de Coimbra, sob a regencia de Antonio Joyce.

Oxalá que estes agrupamentos prosperem e não desapareçam; quanto ao de Lisboa, vejo na sua organização tão valiosos e apaixonados cultores da musica, que me levam a antever-lhe um exito colossal.

E como esta já vae longa, na proxima carta me referirei aos concertos d'esta época no Orpheon com a cantora Bathori, a pianista Tagliaferro, o notavel violinista e compositor George Enesco, o excellent cantor americano Clark com o seu magnifico acompanhador Campbel e agora aos ultimos com o trio Crickboom.

27 de Março de 1913.

ERNESTO MAIA.

II

Na minha carta anterior citei as causas que forçaram o velho *Orpheon Portuense* a solvêr-se em sociedade de concertos para audição de artistas estrangeiros, e devo agora affirmar que essa transformação não prestou menor serviço á musica no Porto. Se não fôra essa benemerita sociedade, administrada com sacrificio e carinho, pela nossa triste condição de habitantes d'uma terra provinciana, só nos ficaria o direito de assistir com imperturbavel seriedade á discussão apaixonada que se trava nos centros de cavaco sobre a original belleza das valsas da *Viuva Alegre*, do *Conde de Luxemburgo*, e de todas as outras Viuvas

mais ou menos alegres que o furor da imitação atira para os nossos theatros que se dizem de canto.

Tem de reconhecer-se fatalmente, no mais alto espirito de justiça, que todo o movimento musical sério do Porto, tem irradiado do Orpheon, nos seus trinta annos de existencia. Falta-lhe, porém, uma casa propria e actualmente realisando os seus concertos no Salão Gil Vicente, do Palacio de Crystal, educa os seus socios com a presença de verdadeiras notabilidades artisticas, delicia-lhes o espirito mas... constipam-os fortemente. E' raro que com a impressão de um bom programma se não traga para casa uma furiosa bronchite.

Pois nem debaixo d'esta ameaça terrivel o publico escasseia. O seu numero de socios está sempre completo, e é preciso esperar para admissão, um prazo que vae de 2 a 3 annos!

Seria enorme a lista dos grandes ou apenas talentosos artistas que por ali tem passado, mas sem recorrer ao esforço da memoria eu poderei citar ainda pianistas como Busoni, Rislér, V. da Motta, Carreño, Ricardo Vinés, Levy, Cortot, M.^{me} Kleeberg, Carreras, Schnabel, Pugno, Wurmser, Cafaret; cravistas Wanda Landowska e Alfred Casella; violinistas Thibaud, Ysaye, Kreisler, Boucherit, Serato, Crickboom, Enesco, Mendels, Chemet; violoncellistas Casals, Hekking, Pitsch, Salmon, Fournier, Gaillard, Capponsachi; cantoras de concerto como Ida Ekman, Jane Raunay, Kutscherra, M.^{me} Rëman, Mary Gay, Cesbron, Auguez de Montaland; quartetos Hayot, Shorg, Lejeune, Chaumont; sociedade de de instrumentos de vento; sociedade de instrumentos antigos; harpistas Salzedo e M.^{me} Renié; cantores de concerto Clément, Plamondon, Ian Reder e Clark.

São estes os nomes que me occorrem de momento sabendo que omitto algumas dezenas de outros, que não vieram aqui sem a consagração dos grandes centros.

Ninguem poderá portanto dizer que o que mencionei não é do melhor que existe no mundo da arte; e se quem tudo isto tem ouvido e admirado mediante uma pequena quota, não conseguiu ainda educar o seu gosto e o seu espirito, não deve lançar as culpas ao Orpheon. O que deveria fazer era deixar o seu logar de socio para quem ambiciona a difficil entrada nos concertos e o consequente direito ás constipações.

*

Os concertos d'esta epoca iniciaram-se com o notavel violinista de Paris, Jorge Enesco, um respeitadissimo nome como exe-

cutante primoroso, e como compositor de grande talento. Nos dois concertos que effectuou deu a prova mais cabal das suas eminentes qualidades de interprete e de virtuose.

Os 3.^o e 4.^o concertos realisaram-se com a artista M.^{me} Bathori, experiente cantora, dizendo com uma alta comprehensão os *lieder* de Schumann e as deliciosas melodias de Reynaldo Hahn, *D'un frisson*, e *Automne*, *Sérénade* de Strauss e muitas outras peças. Acompanhava-a uma joven pianista brasileira M.^{elle} Tagliaferro, que me dizem filha d'um italiano residente em S. Paulo, e que possui aquella prodigiosa technica que distingue as premiadas do Conservatorio de Paris, parecendo-me dotada de sufficiente intelligencia para poder, com o tempo, juntar ás suas esplendidas qualidades de executante apreciaveis requisitos de interprete.

Um dos maiores regalos da temporada fôram, sem duvida, os dois concertos em que se fez ouvir o barytono norte-americano Carlos Clark. Nada tenho a accrescentar á transcripção que a *Arte Musical* fez n'um dos seus ultimos numeros, d'uma apreciação sobre as eminentes qualidades d'este cantor, visto estar de perfeito accôrdo com ella. Voz excellente, mascara expressiva, musicalidade perfeita, emoção e talento. Esses dois *recitals* ficaram memoraveis entre os que aqui tem realisado cantores de diferentes nacionalidades. N'elles podemos admirar a inspiração de Schubert no *Rei dos Amieiros*, ao lado da intensidade dramatica de Loewe na mesma obra. E se o notavel cantor nos deslumbrou com as suas inolvidaveis interpretações dos melhores *lieder* de Schubert, Schumann, Fauré e Brahms, impressionou-nos com a communicativa emoção do *Die Ablösung* de Hollaender e *Der Sandträger* de Bungert, que são verdadeiras creações d'um grande artista. Do mais alto interesse tambem as tres *Balladas* de François Villon. Um facto porém devo registrar aqui: o entusiastico acolhimento do publico ás peças de Debussy, *Les Cloches* e *Mandoline* e ás de Ravel *Chanson des cueilleuses de lentisques* e *Font Sai!*

Para algumas d'ellas houve até as honras de repetição e isso encheu-me de alegria, o que me acontece sempre que vejo praticar actos de justiça. Eu confesso aqui que gosto de Ravel e admiro profundamente Debussy, o que não sei se certos intolerantes artisticos acharão coerente com a brancura mais que incipiente dos meus cabellos.

O inolvidavel cantor fazia-se acompa-

nhar ao piano pelo sr. Gordon Campbell, outro artista americano de raro valor. E' a primeira vez que na minha vida vi acompanhar mais de cinquenta peças de canto, com a completa ausencia do papel, sem a hesitação d'uma entrada, sem uma deficiencia de technica ou de musicalidade.

Admiravel artista a quem em alguns jornaes nem sequer vi citar o nome!

E para terminar fallarei ainda ligeiramente dos dois ultimos concertos com o trio Crickboom, violinista belga, já bem conhecido do nosso publico, pois que é a terceira vez que é contractado.

Das suas qualidades de executante sério e perfeito retira-se sempre a melhor impressão de agrado. Fazia-se acompanhar agora do excellente violoncellista Gaillard e do pianista Leus que nos pareceu ainda bastante novo e um pouco abaixo do merito dos seus dois companheiros, embora possua uma delicada sonoridade e conhecimento dos effeitos pianisticos com que coloria as pequeninas peças a solo que meteu nos dois programmas. Ouviu-se porém com geral agrado.

O violoncellista Gaillard fez-se notar e applaudir entusiasticamente no *Adagio* e *Allegro* de Locatelli e na *Elegie* de Fauré.

Um dos maiores exitos d'estes concertos foi porém o esplendido trio em *ré menor* de Arenski, que foi tocado primorosamente na empolgante belleza dos seus quatro andamentos.

E agora esperemos o que vier.

ERNESTO MAIA.

Forçados á ultima hora por exigencias de paginação, transferimos para o proximo numero a publicação de dois artigos, que já estavam compostos: — *Raridade bibliographica* e *Francisco de Lacerda em Marselha*.

Refere-se o primeiro d'esses artigos a uma descoberta bibliographica do nosso presado amigo e illustre amador d'arte, sr. Manuel de Carvalhaes, a quem desde já agradecemos a sua interessante communicacão, promettendo publical-a no proximo numero.



Cartas a uma senhora

182.^a

De Lisboa.

Abril florido e risonho alegrou as ruas povoando-as de mulheres bonitas e aqueceu os corações enchendo-os de sonhos roseos.

Um ou outro farrapo de nuvem ainda passa no horisonte que por momentos escurece; mas o sol, rosa d'oiro abrindo em luz pelo ceu ceruleo, desfaz a sombra que por elle transcorre, e a todos nos alenta e enbrija.

Lá longe sopram ventos de desgraça e de morte, a guerra conserva abertas as suas fauces, e vozes sinistras de profetas e clamores medonhos de ambiciosos falam-nos a linguagem truculenta do odio.

Mas por felicidade simultaneamente os povos pensam em mais solidariedade e em mais concordia e as forças, mesmo incoerciveis, da fraternisação humana, alliadas aos interesses, aos gostos e ás aspirações das collectividades, procuram levar de vencida quantos se oppõem á paz sagrada, á paz fecunda.

O internacionalismo não tem apenas defeitos, tambem possui algumas qualidades, e uma d'ellas é ensinar ás gentes varias, ás gentes futeis, que em toda a parte os peitos são sensiveis e as feridas são sangrentas, e que cerebros que pensam e braços que labutam não podem ficar eternamente a produzir idéas que desunam e obras que dissolvam.

Para quê desencadear catastrophes se estas assolam? e commetter atrocidades se estas victimam? E' delicioso viver amando, coñecendo, construindo, e a germinação bendita da terra na quadra amiga em que estamos mostra-nos, n'um reverdecer de esperanças, a aurorial promessa do futuro feliz e formoso.

Enganar-nos-hemos quantos acreditamos n'essa embaladora biblia, e estaremos por desgraça destinados a contemplar ainda o desencadear tremendo de calamitosas furias?

A minha querida amiga, que mais perto do que eu vive nos logares estranhos onde confluem as correntes fundas dos acontecimentos, e onde palpitam as paixões desencontradas do mundo immenso, me dirá se devemos corar pela civilização e tremer pela humanidade.

Por aqui, ainda no socegado instante em que lhe escrevo, docemente nos enlevamos na contemplação religiosa d'esses poemas de renda que mais uma vez a superior intuição artistica da inconfundível senhora que é D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro, soube extrahir dos mysterios da linha e da fantasia das fórmas, em todos elles pondo aquelle penetrante encanto, aquella aristocratica graça que são a marca suprema do seu talento tão alto e do seu gosto tão culto.

Na escola Affonso Domingues em Xabregas, onde o director se chama João Vaz e onde ha professores como Thomaz Bordallo, os trabalhos de desenho industrial e artistico, sendo especimens dos respectivos ensinios, que em nenhuma escola do mundo passariam despercebidos, n'esta representam o mais brilhante documento da capacidade do eminente pintor que a dirige e dos illustres e conscienciosos professores que o coadjuvam, e conjuntamente attestam as qualidades assombrosas de assimilação, de finura, de flexibilidade que caracterizam a massa operaria portuguesa, á qual apenas tem faltado uma direcção pedagogica em termos e escolas abundantes e variadas para em qualquer ramo victoriosamente se especialisar.

Alguns dos objectos expostos nas salas da Escola Affonso Domingues eram, quanto a mim, pela delicada estylisação que os distinguia e pelo probo acabamento que mostravam, verdadeiras obras d'arte, tendo personalidade, tendo vida, tendo rythmo, na fórma, no desenho, na concepção.

E se me consolou e desvaneceu ouvir da bocca dos dois benemeritos *carolas* que são Vaz e Bordallo, os elogios que lhe merece a população da sua escola, uns 400 alumnos, não menos me consolou e desvaneceu a esperança de que um dia virá em que todos os dirigentes d'esta nossa linda e tão mal julgada terra saberão finalmente enveredar pelo caminho unico que poderá tornar-nos de novo grandes, elevando o ensino portugês ao logar que elle reclama e dotando-o largamente, generosamente, com os elementos de que carece para se affirmar e progredir.

Não quero a este respeito recordar coisas tristes do passado que vergonhosamente vincam algumas paginas da historia do es-

tabelecimento e da criação do ensino tecnico e profissional entre nós, mas instituido que seja o ministerio da educação nacional, e n'elle installado alguém que lá não faça pequena politica, e cujo espirito comprehensivo e claro saiba ver o que ha a realisar, a crear, a desenvolver, todos assistiremos, creio, a uma tão rapida e brilhante renascença das industrias artisticas cuja orientação só precisa definir-se melhor e completar-se em varios pontos, que muitos dos que hoje constantemente descreem das faculdades progressivas e das tendencias estheticas do portugês serão coagidos a retractar-se do que ha tanto vem avançando.

Ainda antes de concluir, desejo, querida amiga, falar-lhe d'uma exposição de pintura de almofadas promovida e organizada pela sr.^a D. Luiza de Souza, professora justamente festejada.

Esse curioso certame afigurou-se-me duplamente interessante, pela natureza do assumpto e pela elevação que em geral se notava nos trabalhos expostos. Alguns d'elles eram sem favor pequeninas obras d'arte descobrindo vocações ou affirmando talentos que é uma alegria saudar.

Quão distantes estamos já, louvado Deus das banaes, entanguidas, picarescas coisas que em tempos saiam das mãos femininás, quando ousadamente ultrapassavam a conhecida barreira do bordado a missanga e da tracinha de cabelo!

Não, por muito que a critica demolidora pretenda contestal-o, alguns passos se tem avançado, e presentemente já mais d'um d'estes mostruarios das aptidões estheticas e das preferencias artisticas das senhoras que aqui nasceram inspiram sentimentos diversos dos do conhecido motejo ou habitual indifferença.

Abençoados aquelles e aquellas que para isso teem contribuido. Entre este numero seria singular injustiça não incluir o da sr.^a D. Luiza de Souza que mais uma vez viu coroados de significativo exito os seus bem intencionados e educativos esforços.

Querida amiga aqui está um modo de fazer feminismo, que até os mais intrataveis adversarios d'elle não se dedignarão de acolher, e que decididamente vem desvendar uma face nova á questão que a estas horas tantas creaturas do chamado sexo fragil enthusiasma, allucina, e desorienta, mas que envolvendo innumerios problemas de toda a ordem, certamente se impõe ao serio estudo e á calma reflexão de quem procurando acertar não se esquece de aprender...

AFFONSO VARGAS.



A 31 de Março deu a *Academia de Amadores*, no salão do Conservatorio o seu 143.º concerto de numero.

O programma foi o mais possivel interessante e variado, comportando o famoso *Septuor à la trompette*, de Saint-Saëns, um seguimento de peças de piano, artisticamente escolhidas e artisticamente executadas pela sr.ª D. Isaura Cordeiro Venancio, a *Romance* em sol de Beethoven, tambem muito satisfatoriamente interpretada no violino pela sr.ª D. Marianna Souto Pimentel, e no fim do concerto tres numeros orchestraes, dirigidos pelo sr. D. Pedro Blanch, os quaes a nosso ver constituiram a melhor parte da audição.

Quanto ao *Septuor*, não regatearemos elogios ao sr. José Silva Paranhos, que empregou os seus melhores esforços e talento para que a transcripção da parte de clarim para o cornetim não fizesse desmerecer em demasia uma tão bella partitura, louvando tambem os outros executantes, cujas diligencias para a bôa interpretação da obra e para o necessario empaste das sonoridades foram por vezes coroadas do melhor exito.

Na mesma data, mas em *matinée*, effectuava-se no salão nobre do Theatro Nacional uma deliciosa audição de musica e de versos, a que deu especial relevo uma espiituosa palestra do sr. Luiz Trigueiros, tendo por thema *Os corações femininos*.

Da parte musical, encarregaram-se gentilmente as sr.ªs D. Hortense Fontana, D. Adelaide de Victoria Pereira e Rey Colaço, entidades artisticas de tão grande destaque no nosso meio e já tão conhecidas dos nossos leitores que nos podemos dispensar de endereçar-lhes quaesquer referencias especiaes, que não podiam ser senão a repetição de louvores já varias vezes repetidos.

Enquadrou o programma um trio composto pelos srs. José Bonet, Laureano Forcini e Carlos Quilez, que nos deram, com a proficiencia habitual, um andamento do primeiro *Trio* de Beethoven e uma transcripção da *Rapsodia* de Liszt.

Ainda na mesma data, realisava-se na residencia do dr. Manoel da Costa Neves uma esplendida audição de canto, organizada pelo talentoso professor de canto, sr. Arthur Trindade, com o concurso de sua esposa, de alguns dos seus discipulos e da sr.ª D. Laura Sauvinet Bandeira.

Foi, segundo nos consta, uma distincta festa d'arte, em que os meritos de professor do sr. Trindade tiveram mais uma brilhante confirmação. Sua esposa, a sr.ª D. Margarida Mornatti Trindade, a cujo talento de cantora nos temos já referido, cantou deliciosamente a aria da *Lakmé*, a romanza da *Manon*, e um fado em portuguez, composição do nosso prezado amigo e apaixonado cultor da musica, sr. José de Castro Guedes Freire.

No sabbado 5 do corrente, realisou-se pelas 4 horas da tarde, no Salão da Trindade, a tão annunciada audição do *Poema Symphonico* do sr. João Arroyo.

Após desinteligençias que obstarão á execução do *Poema symphonico*, pela *Orchestra Symphonica Portuguesa*, e que motivaram a entrega da partitura nas mãos do sr. José Henrique dos Santos, este artista herdou o pesado encargo de fazer executar um dos originaes portuguezes que mais interesse tem despertado, não só por se tratar de um novo trabalho do auctor do *Amor de Perdição*, como pelas muitas e variadas versões que correram sobre o incidente suscitado entre os srs. Pedro Blanch e João Arroyo. Não trataremos d'esse incidente que nada nos interessa e passaremos a analysar rapidamente a obra e a sua execução.

Pertencemos ao numero d'aquelles que, convidados pelo sr. João Arroyo, tiveram o ensejo de ouvir o seu novo trabalho, por elle executado ao piano.

Essa audição porém, conquanto nos habilitasse a fazer um leve juizo sobre as linhas geraes da obra, não nos poderia nunca offerecer base segura para uma apreciação sobre o seu valor symphonico, mas o concerto de sabbado veio mostrar-nos que os processos da composição adoptados agora pelo sr. João Arroyo, são os mesmos que observamos na sua opera *Amor de Perdição*.

Sem se filiar em escola alguma definida, o sr. João Arroyo escreve como sente, sem preocupações de estylo e dando largo expansão á sua veia meridional.

E assim resulta que a sua musica é clara e comprehensivel sem contudo ser banal.

O poema divide-se em quatro partes subordinadas aos titulos de *Flirt*, *L'âme chante*, *Ciel d'orage* e *Les Noces*.

D'estas quatro partes destacaremos a segunda e terceira, que já na audição ao piano nos tinham merecido preferencia. *L'âme chante* é uma pagina de musica adoravel de sentimento. A melodia é larga e elegante e a harmonia rica de effeitos pelo sabio emprego dos timbres instrumentaes.

Quanto ao *Ciel d'orage*, que é iniciado por uma nota prolongada do contra-fagote, a que se segue a tormenta e pouco depois a bonança, traduz com admiravel verdade o pensamento do auctor.

A phrase entregue aos violinos é suggestiva e n'ella sahíu com intensidade a nota dramatica.

No *Flirt*, o dialogo é bem conduzido, o movimento de valsa bem lançado, porém a ideia não está definida com a clareza que apresentam os numeros já citados.

Por ultimo *Les Noces* é um numero de effeito seguro para o publico, pela riqueza da sua instrumentação e character alegre que apresenta.

Parece-nos porém que o auctor o revestiu de importancia demasiada para remate do episodio d'amor tratado nos tres primeiros numeros.

Em resumo, a obra do sr. João Arroyo é um trabalho bastante cuidado e consciencioso, mas muito áquem dos meritos que o seu auctor tem revelado

A execução nem sempre satisfaz ás exigencias da partitura. A orchestra mostrou-se pesada, com pouco colorido e deficiente na afinação.

O sr. José Henrique dos Santos, artista modesto, mas inteligente, empregou de certo toda a sua boa vontade para que a obra tivesse uma execução condigna, mas não resta duvida que os seus esforços não fôram coroados do exito que era de esperar.

O resto do concerto constou da *suite* n.º 2 da *Arlesienne*, da abertura do *D. Juan* de Mozart e da *Kaisermarsch*.

O sr. João Arroyo foi entusiasticamente applaudido por todo o publico, applausos de que compartilhou o dirigente da orchestra, o sr. José Henrique dos Santos.

L. C.

* * *

O Porto tambem se não deixa ficar quêdo n'esta animada epoca de concertos. O de 5 do corrente na artistica residencia da sr.^a

D. Julia Vouga Ribeiro da Silva, merece especial registro. Não sómente a talentosa dona da casa se produziu, respectivamente como cantora e como pianista, no *Recitativo* e *Aria* de Händel com acompanhamento de violino pelo sr. José Godinho, e na *Introdução* e *Allegro* do *Concertstück* de Schumann conjunctamente com o professor Oscar da Silva, como ainda outros distinctos solistas concorreram para dar um excepcional brilho a esta festa d'arte. Bastará citar as sr.^{as} D. Iréne Amaral, D. Alice Barcellos, D. Clotilde de Mendonça, D. Margarida Roncagli e os srs. Carlos Osorio, Roberto Roncagli, todos eximios cultores do *bel-canto*, o sr. J. Casaux, que executou dois numeros no violoncello, e o professor Ernesto Maia, que fechou o concerto com dois deliciosos trechos para harmonium Mustel, para se ter uma ideia do elevado cunho d'arte que presidiu a este sarau.

Acrescentemos que ainda houve varios numeros de *ensemble* e entre elles dois côros, *Nuit d'Azur*, de Beethoven e *Valsa triste* de Oscar da Silva, que fizeram optimo effeito, ao que nos consta.

Agradecemos penhoradamente aos esposos Ribeiro da Silva a gentileza do convite com que quizeram honrar esta redacção.

* * *

A 6 realisou a considerada professora, sr.^a D. Eugenia Mantelli, uma audição de alumnas, em que tomaram parte as sr.^{as} D. Erminia Pereira, D. Julia Lima Cunha, D. Maria Adelaide Saraiva Ferrão, D. Maria Christina Bordalo Pinheiro, D. Emilia Neto Afonso, D. Filipa Torre do Vale, D. Ilda Feio, D. Luiza Rosa Machado, D. Cecilia Rivara, D. Maria José Madail, D. Maria Thereza Castelo Branco, D. Arcelina Vitor dos Santos, D. Berta Madail, D. Adeline Santos Guimarães, D. Zilda Rebelo, D. Valentina da Fonseca, D. Maria Andrea Ferreira, D. Adelaide Santos Guimarães, D. Ester Ribeiro de Sousa, D. Iréne de Almeida, D. Cosete Barreto, D. Manuella Navarro de Sampaio, D. Maria Pires Marinho, D. Magdalena Metelo Antunes, D. Oriza da Silveira, e os srs. Rui Decken dos Santos Pereira, João Madail e Antonio Leal de Oliveira.

A esta audição, que teve logar na sede do curso, que Mad. Mantelli tão proficientemente dirige na rua do Mundo, assistiram as familias das alumnas e grande numero de convidados.

* * *

Com as datas de 4 e 6, temos á vista mais dois programmas de musica de cama-

ra. São os que se referem á 9.^a e 10.^a sessões promovidas na casa Mello Abreu, do Porto, pelo eminente professor Moreira de Sá.

Foi a primeira d'essas sessões consagrada a Schumann, sendo executados dois quartetos do mestre de Zwickau, o de cordas op. 41, num. 1, e o de piano op. 47. Na segunda audição o 2.^o *Quinteto*, de Mendelssohn e o 10.^o *Quarteto*, de Beethoven.

Os artistas que participaram na execução d'estas obras foram: no 1.^o concerto D. Maria Adelaide Teixeira Carvalhal, D. Beatriz Couto, D. Laura Barbosa, Moreira de Sá e José Gouveia; no 2.^o Moreira de Sá, Alberto Pimenta, Benjamin Gouveia, Hasdrubal Godinho e João Casaux.

* * *

N'esse precioso ninho d'arte que é a residência da sr.^a D. Adelaide Lima Cruz realisonou-se em 6 uma audição musical por varios titulos encantadora.

A illustre senhora, não se limitando a ser uma cantora *hors ligne*, com uma voz educada nos melhores e mais seguros methodos, é tambem uma professora das mais proprias para dirigir vozes e orientar vocações, a cada uma conservando a sua personalidade e definindo e desenvolvendo o respectivo temperamento.

Assim, alem de nos deliciar, ella propria, com os primores multiplos da sua dicção e os recursos admiraveis da sua privilegiada garganta, apresentou-nos discipulos como D. Carolina Joyce e D. Maria de Chateaufort, que se escutam com enlevo e applaudem com prazer, sendo para lamentar que por um justificado motivo occasional ficassemos privados de ouvir outra discipula D. Beatriz Silva Graça, o que seria mais um titulo de gloria para a professora.

Quanto a esta, quiz dar a conhecer ao publico de Lisboa um musico aqui desconhecido, porventura desconhecido mesmo em Portugal, Johan Carl Gottfried Loewe, contemporaneo de Schiller, de Schumann, de Wagner, e auctor digno da curiosidade sympathica que de novo começou a inspirar nos meios musicas do mundo.

Quem escreve estas linhas fôra benevolmente convidado para preceder de duas palavras os formosissimos e admiraveis trechos em que a sr.^a D. Adelaide a um tempo se fez applaudir pelo seguro gosto da escolha, e pelos prodigios de vocalisação seria e de arte pura com que nos deslumbrou na execução d'essas paginas que são das que contam na historia da litteratura musical.

Carl Loewe, que precisamente a 20

d'este mez de abril em que estamos foi victimado por um ataque apopleptico que já por duas vezes o fulminára, descreveu na sua longa vida de 83 annos que começou em 1796 e se extinguiu em 1869, uma curva luminosa e alta. Desde creança em que se havia feito applaudir nos côros das cathedraes, graças á voz que chegou a ser uma linda voz de tenor, até ao momento em que principiou escrevendo primores, como essas baladas *Le Roi des Aulnes*, *L'ondine*, *Sire Olouf*, *Thomas le Rimeur*, que D. Adelaide nos disse e *Le Pêcheur* cantado por D. Carolina Joyce, progressivamente foi adquirindo o direito a não ser esquecido e a ter emfim a sua hora de celebridade e de justiça.

Alguna vez se falará aqui com mais espaço d'esse até ha pouco immerecidamente esquecido auctor, e por agora apenas queremos dizer que elle foi uma revelação para o attento e selecto auditorio que teve a felicidade de com elle tomar conhecimento.

Ainda a sr.^a D. Adelaide Lima Cruz quiz regalar os seus convidados proporcionando-lhes o sumo praser intellectual de escutarem fascinados a notabilissima pianista D. Octavia Stropf que nos preludios de Chopin n.^o 3, 4, 11, 23 e 16 patenteou qualidades de energia, de technica, de educação, do gosto, de sensibilidade artistica, que em toda a parte a assignalariam aos applausos e ás apreciações dos amadores e dos criticos.

Antes ainda a festejada amadora M.^{me} Eça Leal Abecassis nos cantou a *Larme Secrète* de Schumann com que gentilmente se prestou a preencher de improviso a lacuna que no programma causára a falta involuntaria de D. Beatriz Silva Graça, que deveria ter-se feito ouvir na celebre pagina de Schumann—*L'Amour et la vie d'une femme*.

Do que fica exposto, ver-se-ha que a festa musical organisada pela sr.^a D. Adelaide Lima Cruz, teve só como elemento dispensavel as taes *duas palavras* a que atraz nos referimos, que eram escusadas para conhecimento da obra de Lowe visto que melhor do que tudo quanto nós quizessemos ou soubessemos dizer (que não soubemos ainda que quiséssemos), seria, e foi, linda e superiormente demonstrado na pratica, cantando-nos a primorosa artista e gentilissima senhora alguns dos soberbos *periodos* d'essa obra cheia de frescura e de belleza, o que ella fez á maravilha.

Felizmente que o publico era indulgente e que a luz que de toda essa inolvidavel audição irradiou, fez esquecer depressa a

sombra que n'ella desastradamente poz quem apenas desejou provar á sr.^a D. Adelaide Lima Cruz a admiração que tem pela sua arte, pelo seu talento, pelo seu espirito, pela sua nobre individualidade emfim, e que só não soube traduzir, falando, ou mesmo escrevendo, pelo que se limita agora a saudar a Senhora e applaudir a Artista.

A. V.

A illustre professora de piano D. Eulalia Paes realisou no domingo 6 do corrente, no salão da *Illustração Portuguesa*, uma interessante audição que teve escolhida concorrência.

Todos aquelles que andam a par com o movimento musical do nosso méio, conhecem as valiosas qualidades artisticas de que dispõe a promotora d'esta festa, e por isso de ante-mão se diagnosticava o seu resultado brilhante.

D. Eulalia Paes executou varias obras em que mostrou bem a perfeição da sua technica e os seus dotes pianisticos, salientando-se porém na fórma como disse a sonata *Pathetica* de Beethoven e ainda a graça e leveza que imprimiu á *Fileuse* de Raff.

Tornaram-se egualmente dignas d'applausos a sr.^a D. Herminia Rosenstok pela maneira brilhante como executou o *Grand étude de concert* de Godefroid, peça de harpa de grande difficuldade, D. Felippa de Vilhena Torre do Valle, na *romanza* de Caggelli, e D. Filomena Rocha, violinista de subido valor, que acompanhada por sua irmã mostrou na parte que lhe foi confiada a sua bella escola e as suas raras qualidades.

De resto tanto os córos habilmente ensaiados, como o quartetto a cargo dos srs. Lacerda, Fernando Gameiro, Silva Paes e Fortée Rebello, fôram numeros que despertaram entusiasticos applausos.

A' hora em que a nossa revista vae entrar na machina deve realisar-se no salão da Liga Naval um concerto promovido pelo distincto pianista Rey Colaço, consagrado á musica antiga.

O programma consta de obras de Händel, Rameau, Scarlatti, Bach, etc.

Esta audição é a primeira da serie que o illustre professor tenciona realisar, constando-nos que no segundo concerto se executarão obras de Mozart, no terceiro de Beethoven, e o quarto e ultimo será destinado á exhibição de obras modernas.



PORTUGAL

No theatro da Republica e com a cooperação da Orchestra Symphonica, dirigida pelo sr. Pedro Blanch, realisa a illustre professora de piano, sr.^a D. Adelina Rosenstock, um grande concerto a 20 d'este mez.

Entre as obras que vão ser executadas n'esse sarau, conta-se o *Segundo Concerto* de Saint-Saëns, com orchestra, que é ouvido pela primeira vez entre nós.

Deve ter chegado hontem a Lisboa o grande pianista José Vianna da Motta, cujos concertos se esperam com a habitual ansiedade.

Vianna da Motta regressa de Londres, onde foi acolhido com inequivocas provas d'enthusiasmo.

Entre os concertos annunciados para breve, não podemos deixar de mencionar o concerto promovido pela professora Eugenia Manfredi, a 25 do corrente mez, e o *recital* da sr.^a D. Maria Pinheiro dos Santos, que ha-de effectuar-se a 3 de maio no no Salão do mesmo theatro.

São dois saraus d'arte, a que o nosso publico amator não faltará decerto.

O Congresso da *Associação de Classe dos Musicos Portuguezes*, a que nos referimos no numero anterior, deve effectuar-se a 12, 13 e 14 do proximo mez de junho. Aceitou a presidencia d'honra do Congresso o illustre presidente da Republica, sr. dr. Manuel d'Arriaga, sendo vice-presidentes os srs. Michel'angelo Lambertini e dr. Antonio José de Padua.

Os presidentes effectivos serão os srs. José Ferreira Braga, presidente da assembléa geral de Lisboa e Miguel Alves, que desempenha identicas funções no Porto.

A *Associação* emprega todos os meios pa-

ra diffundir a sua benéfica acção nos principaes centros da provincia, tendo já creado uma secção em Coimbra e estando actualmente trabalhando na formação de uma outra em Evora.

* * *

Foi publicada a partitura d'orchestra e o *argumento* da *Symphonia Camoneana*, composição do novel artista portuguez, sr. Ruy Coelho.

Trata-se portanto de uma obra à *programme* e obra bastante vasta para que não deixemos, quando a occasião se apresente, de nos occuparmos d'ella com a largueza que certamente merece. O folheto em que vem descripto esse programma transcreve os motivos capitaes da obra e é duplamente prefaciado pelo sr. dr. Theophilo Braga e pelo auctor, que faz a sua profissão de fé nos seguintes termos:

«Esta symphonia tem de symphonia clássica sómente o nome. O seu auctor não segue escola alguma. Não consulta oráculos. O seu fim, do qual não reservará direitos de auctor, é — por intermédio da linguagem universal — a Musica — fazer sentir ao mundo a Alma Portuguesa, começando por cantar o Poeta symbolo da nossa Nacionalidade, sendo assim a «Symphonia Camoneana» o Prólogo da sua obra, e tendo a certeza de que seja qual for o Destino d'esta Symphonia, nem por isso o seu deixará de ser aquelle que já traçou.

*Oh! Aguas do Mar!
Eu sou Português!»*

A partitura d'orchestra, que ainda não tivemos tempo de analysar, traz a seguinte cautelosa rubrica: — «Ninguem de vós ouse reprovar os hymnos compostos em louvor da Patria».

* * *

O Conservatorio de Lisboa abriu concurso para a aquisição de um piano de grande cauda, para concertos.

As condições do concurso vem publicadas, com data de 1 do corrente, em varios jornaes diarios.

* * *

Do sr. Carlos Andrade, distincto amator musical, recebemos um folheto sobre a reforma da escripta por systema imaginado pelo mesmo senhor e a que deu o nome de *Neographia*.

E' a applicação de um processo novo de estenographia à orthographia sonica, por meio de quatro signaes essenciaes, o traço,

o semi-circulo, o quarto de circulo e o arco. A posição em que esses signaes se collocam é que determina a lettra, ou antes o som, a que elles devem corresponder.

Agradecemos o offerecimento do interessante folheto.

* * *

No elegante jardim Passos Manoel, do Porto, que é, como se sabe, o ponto de reunião da melhor sociedade portuense, deve ter-se inaugurado hontem um Salão de Festas, destinado principalmente a grandes concertos. Foram estreiar este novo salão musical o notabilissimo pianista Lucien Wurmser, e sua mulher, a talentosa harpista-chromatica, Mad.^{me} Wurmser-Delcourt, que a empreza contractou expressamente para os seus dois primeiros concertos.

* * *

Temos presente o primeiro numero de uma publicação, *Theatralia*, que nos parece vir preencher uma sensivel lacuna.

E' iniciativa dos alumnos da *Escola de Arte de Representar* (Conservatorio) e destina-se, como diz o sr. dr. Julio Dantas em um breve artigo com que prefaciou este primeiro numero, a «recolher e fixar a lição dos mestres e dos factos».

N'este numero inicial da *Theatralia*, destacam-se diversos artigos, como *A Castro, de Ferreira, O actor e a estatua* (com gravuras), *O theatro portuguez existe?*, *A marcação*, etc., começando alem d'isso a publicação de uma peça em um acto, de Bento Mantua, intitulada *O alcool*.

Saudamos o novo collega, convencidos de que pode prestar revelantes serviços ás artes do theatro no nosso paiz e merece portanto um futuro prospero.

* * *

Está entre nós a distinctissima professora de canto, a sr.^a D. Alexandrina Castagnoli de Brito e seu esposo o talentoso amator portuense, sr. José de Brito.

No numero proximo nos occuparemos do concerto que effectuaram a 11 no salão da *Illustração Portuguesa*, e no qual executaram um programma finamente escolhido.

* * *

O corpo docente da Escola de Arte de Representar e o conselho de gerencia do Theatro Nacional promovem n'este theatro uma serie de 7 conferencias artisticas do mais elevado interesse.

A primeira teve lugar a 13, sendo orador o sr. dr. João de Barros, que se occupou do *Amôr na poesia moderna*; d'ella nos occuparemos no proximo numero.

Obedecem as restantes seis aos seguintes temas: *A mulher hellenica*, (no dia 20 de Abril, dr. Sousa Pinto).

Psychologia dos modernos poetas portuguezes, (dia 27 de Abril, dr. Bettencourt Rodrigues).

O drama pastoril na antiguidade e em Portugal, (dia 4 de Maio, H. Lopes de Mendonça).

A dramatisação do Invisível, (dia 11 de Maio, dr. Coelho de Carvalho).

O feminismo na comedia de Aristophanes, (dia 18 de Maio, dr. Julio Dantas).

O theatro portuguez e a Convenção de Berlim, (dia 25 de Maio, dr. Augusto de Castro).

Muito agradecemos o convite.

ESTRANGEIRO

Nas terriveis inundações da America, que iam custando a vida ao celebre violinista Eugène Ysaye, perderam-se todas as suas bagagens, salvo, porém, o famoso *Stradivarius*, que é como se sabe uma das mais legitimas preciosidades do mestre de Cremona.

No Theatro Real de Turim e com um successo mediocre estreiou-se a nova opera de Ubaldo Pacchierotti, intitulada *Il Santo*.

Em Livorno tambem se cantou a nova opera de Biagi, *La sposa di Nino*.

A *Figlia del West*, de Puccini, teve, em Bruxellas, um simples exito de estima; uns acharam-a demasiado ruidosa, outros exageradamente pretenciosa. O que agradou muito foi a *mise-en-scène*, que é muito animada, e a interpretação que foi notavel.

No Conservatorio da mesma cidade, o ultimo dos concertos da epoca foi consagrado á audição integral do drama lyrico religioso, *Franciscus*, do fallecido director Edgar Tinel. Agradou consideravelmente.

Ultimamente houve em Paris duas audições do *Requiem* de Brahms, das quaes a primeira na sexta feira santa, e ambas

promovidas pela associação dos *Concerts Colonne*.

Foi muito admirada a severa belleza d'este grande trabalho orchestral e coral.

Nos *Concerts Lamoureux*, tambem agradeu muito a serie de tres quadros symphonicos, com coros, que Albert Roussel publicou ultimamente com o titulo de *Evo-cations*.

Considera-se esta como uma das melhores obras que ultimamente se tem executado em Paris nos concertos dominicaes.

O editor Sonzogno abriu um novo concurso de operas, que teve nada menos de 57 concorrentes.

D'essa immensa produção, a unica peça que foi julgada digna de premio foi uma opera em tres actos do compositor milanez Arrigo Pedrollo. Tem o titulo de *Juana*.

Em uma pequena povoação espanhola, proxima a Ciudad Real, deu-se ha pouco, na representação da *Carmen*, uma scena tragica, mas *de verdad*.

E' o caso que o Escamillo e o Don José, respectivamente barytono Pardo e tenor Martinez, desavindos por questões d'amores, trocaram em scena umas facadas *authenticas*, de que resultou a morte do tenor.



Dando a noticia do fallecimento do sr. José Maria da Silva Rego, um dos nossos assignantes da primeira hora e distincto amador-pianista, recordamos com sentida magua a excepcional nobreza do seu character e a grande paixão que nutria por todas as manifestações d'arte. Era sempre dos primeiros a encorajar e patrocinar qualquer empreendimento artistico, que seguia e acompanhava em todas as suas phases com um disvelo nunca desmentido e devoção entre nós bem rara.

José Rego tinha 56 annos e foi victimado por uma angina pectoris. A' sua extremosa familia endereçamos os mais sinceros peza-mes.